

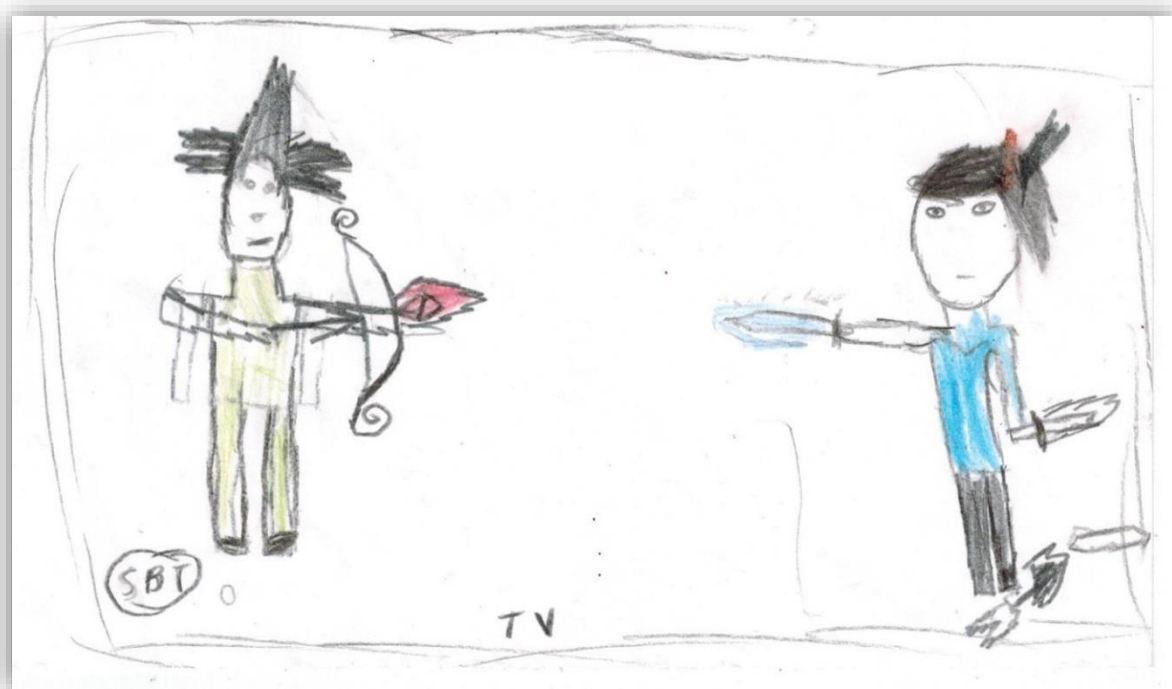
## Uma imagem

Steferson Zanoni Roseiro

Suzany Goulart Lourenço

### Imagens de aprendizagens

*Imagem 01 – As lutas podem ser televisionadas*



*Fonte: acervo pessoal (produção de alunos).*

Em 2018, uma menina, logo que começava uma aula sobre as lutas indígenas pelas demarcações de terra, perguntou ao professor: “Tio, por que isso não aparece na televisão?”. O professor, ao invés de dar uma explicação, perguntou o que ela conhecia sobre os morros e favelas pela televisão. A menina entendeu na hora. Afinal, ela era moradora de um morro e sabia muito bem como imaginavam a vida ali onde ela vivia. “Ia

ser legal se essas coisas passassem na TV também, né? Tipo uma novela...”.

“Credo. Que novela que o que! Tem sangue, lutas e mortes. Ia ficar melhor um seriado!”, já foi dizendo um menino entrando na conversa. Em poucos minutos, lá estava a turma debatendo sobre a possibilidade de circulação dos saberes. Assim, a cada nova experimentação do mundo, a cada vez que alunas e alunos são afetados por uma aula, a pergunta parece retornar: “Por que isso não aparece na televisão?”.

Essa é, deveras, uma cena típica de escola.

A cada vez que alunas e alunos se colocam verdadeiramente em torno de uma aula – um tema, uma discussão, um problema, um encontro –, nossas imagens do mundo são modificadas. Pode ser que seja uma modificação radical! A “descoberta” de outros planetas, sistemas solares, de animais pré-históricos, da duração da vida. Nesses casos, talvez, pudéssemos falar de uma ampliação de nossa visão de mundo, como se nos afastássemos aos poucos da imagem que fazemos da vida. Todavia, por vezes não é questão de distância, mas de ótica, de modos de ver e se afetar pelo mundo. Vamos aprendendo nos bordados das aprendizagens dos/as alunos/as a potência de rompermos com a ideia de uma imagem fixa. E, assim, movimentos de pensamento inesperados surgem. Nossos automatismos tropeçam e rompemos com a linearidade.

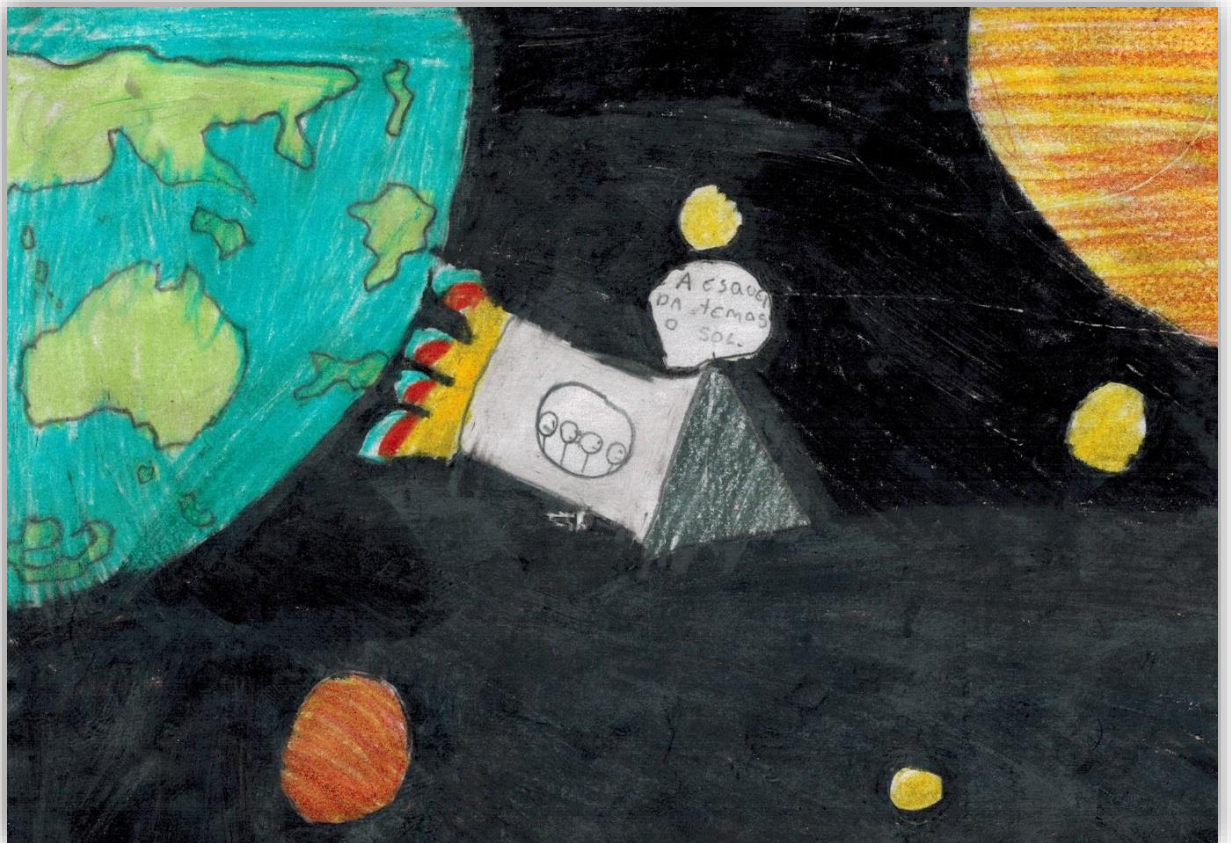
*Imagem 2 – As lutas podem ser germinadas*



*Fonte: acervo pessoal (produção de alunos)*

Nas composições entre estudantes e professores/as, as imagens do pensamento, quando fazem fugir os dogmatismos, são como nosso primeiro fôlego de vida ao nascer, pois evidenciam um vasto campo de micropolíticas ativas, desterritorializações, novas terras a se povoar. Criamos novas terras nos processos aprendentes e nelas temos a possibilidade de fazer germinar outros possíveis. Como quando em uma aula, uma aluna do quarto ano do Ensino Fundamental de repente percebe que, para falarmos a Língua Portuguesa, os povos nativos que viviam nas terras brasileiras foram “domesticados”, “ensinados” e assassinados para que não questionassem a força colonizadora. Eis uma nova terra: um NÃO à força colonizadora.

*Imagem 03 – Deslocamentos para além da TERRA.*



*Fonte: acervo pessoal (produção dos alunos)*

Deslocando perspectivas, as imagens de mundo ampliadas parecem nos lançar para fora da Terra. Uma criança, em uma aula, expande seus afetos pelo mundo. Num momento, ela pode criar seus limites táteis imediatos – mesa, carteira, paredes, quadro, professora, colegas – e, todavia, nada disso impede que seu olhar sobre o mundo mude. Ao contrário, quando a educação permite descolinizar a vida, são justamente as alegrias que são intensificadas.

Nesse cenário, os limites do planeta Terra tornam-se brincadeiras das aprendizagens, passagens das criações infinitas, traços dessas imagens que se inscrevem em nossos corpos.

Entre uma aula e os corpos que ali se encontram, entre uma escola e seus transeuntes, entre os currículos e seus praticantes, é o nosso carinho pelo mundo que é aumentado em potência e, com isso, faz com que as aprendizagens sejam sempre de ordem afetiva. Movimentos de escola que

criam movimentos de mundos outros, nos arrastando e fazendo passar novos ares. Assim como a menina que deseja um modo de multiplicação das forças da vida, talvez a escola possa ser pensada como uma máquina de guerra que, ao tentar pôr fim na vida colonizada, faz germinar imagens da vida em lutas e resistências.

### **Sobre os autores:**

Steferson Zanoni Roseiro: Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFES).

Suzany Goulart Lourenço: Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFES).